



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

A MORTE NA PERSPECTIVA DE EPICURO

ARETHUSA RODRIGUES DE SOUSA BARROS

ARETHUSA RODRIGUES DE SOUSA BARROS

A MORTE NA PERSPECTIVA DE EPICURO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277m Barros, Arethusa Rodrigues de Sousa.
A morte na perspectiva de Epicuro [manuscrito] : /
Arethusa Rodrigues de Sousa Barros. - 2018.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Epicurismo. 2. Morte. 3. Mitologia .

21. ed. CDD 187

ARETHUSA RODRIGUES DE SOUSA BARROS

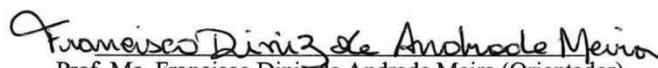
A MORTE NA PERSPECTIVA DE EPICURO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

Aprovada em: 08/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Nilton Casarva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Pedro Leandro a quem considero como um segundo pai, um anjo que Deus colocou aqui na terra para cuidar de mim e tenho certeza que continua cuidando do lado de cima, um verdadeiro mestre de amor e sabedoria, para sempre em minha memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus que nunca me deixou perder a fé mesmo em momentos difíceis.

Agradeço ao meu pai (Aroldo Barros) e minha mãe (Maria de Fátima Rodrigues) meus verdadeiros heróis, e que tenho tremenda admiração.

Agradeço ao meu marido Floriano Cardoso, por está ao meu lado; as minhas filhas Sophia, Savana e Pietra, que são minha inspiração de amor e carinho; ao meu irmão Rodrigo Rodrigues que hoje é um homem, mas, para mim continua sendo meu menino.

Agradeço aos meus primos: Bruno de Sousa Ferreira e Virginia Soares Holanda; a minha tia Lígia Maria de Sousa Soares pelo apoio e incentivo, nunca esquecerei o que sempre fizeram por mim.

Agradeço aos meus amigos Rostand Pereira, Silvana Lima, Brunna Guimarães, Alane Ramos, Dominique Frazão, Ericka Andrade.

Agradeço ao meu orientador Francisco Diniz de Andrade Meira, essa pessoa linda que sou fã, e que me acompanhou e orientou durante todo o curso, inclusive na elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a família JTP (Hed Colaço, Lydia Soares, Jaira Pereira e Tadeu Pereira), empresa a qual trabalho e que me apoia e me incentiva a estudar.

Enfim, agradeço a todos que fazem parte de minha vida e que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

*A morte não é nada para nós, pois, quando
existimos, não existe a morte, e quando existe
a morte, não existimos mais.*

(EPICURO)

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	08
2- EXALTAÇÃO AO FILÓSOFO EPICURO.....	10
3- A CONJUTURA EM QUE VIVEU O FILÓSOFO EPICURO.....	12
4- O SURGIMENTO DO EPICURISMO.....	16
5- A MORTE NA PERSPECTIVA MITOLOGICA E FILOSOFICA.....	20
6- CARTA A MENECEU SOBRE A FELICIDADE.....	26
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

A MORTE NA PERSPECTIVA DE EPICURO

Arethusa Rodrigues de Sousa Barros¹

RESUMO

A morte parece ter sempre preocupado o homem, em todas as épocas e lugares, tendendo sempre a ser vista como algo negativo, historicamente, ninguém gosta de falar sobre a morte, sobre o fim. Este assunto atemoriza, mesmo sendo uma verdade inabalável. Mesmo, assim, é notável a procura para tentar explica-la, compreende-la e discuti-la, desde os antigos, existe justamente essa necessidade, a qual é sentida pelo homem em conceber um modo de melhor enfrentar a morte e encontrar aceitação frente à inevitabilidade do fim. Diante de tais afirmações o presente trabalho se propôs em fazer uma investigação filosófica, a partir de uma pesquisa bibliográfica, para traçar a trajetória histórica e filosófica de Epicuro, um importante filósofo que estudou a morte e desmistificou os deuses, algo até então, totalmente novo para sua época. Contudo, Epicuro nos faz uma exortação em sua celebre “Carta sobre a felicidade”, onde nos adverte que não devemos temer a morte, porque ela nada significa para nós. Um dia todos nós chegaremos ao fim de nossas vidas e, por crer, que nossa passagem aqui é breve, precisaríamos aproveitar melhor o que é nos proporcionado em vida. Não temos a menor noção do que seja morrer, porque aqueles que já partiram não estão aqui para nos contar como é morrer. Deixamo-nos levar por ilusões, expectativas, ansiedades e angústias em querer saber como é estar morto, ou ainda, se há uma outra vida e como ela é. Epicuro ressalta que a morte é um ser desconhecido para nós e, portanto, como podemos passar nossa existência nos preocupando com ela?

PALAVRAS-CHAVE: Deuses. Medo. Morte.

1- INTRODUÇÃO

Desde o início da Civilização, a morte é considerada um aspecto que fascina e, ao mesmo tempo, aterroriza a humanidade. A morte e os supostos eventos que a sucedem são, historicamente, fonte de inspiração para doutrinas filosóficas e religiosas, bem como uma inesgotável fonte de temores, angústias e ansiedades para os seres humanos. A partir desses aspectos, tivemos como tema escolhido para a elaboração deste trabalho a morte segundo a visão do filósofo Epicuro de Samos, que tinha uma filosofia com o propósito em conseguir a felicidade, uma vida tranquila caracterizada pela aponia², e que para Epicuro a morte não é nada e o seu medo deve ser superado.

¹ Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: arethusabarros@hotmail.com

² Aponia (grego antigo: ἀπονία) é um conceito filosófico que significa a ausência de dor e medo e foi considerado pelos epicuristas ser o ápice do prazer corporal. Tal como acontece com as outras escolas helenísticas da filosofia, os epicuristas acreditavam que o objetivo da vida humana é a felicidade.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO, 2002, p. 27).

Este trabalho justifica-se pela relevância do tema proposto, pois a morte está relacionada com nossas situações cotidianas e ao conversarmos e estudarmos a respeito, estamos falando de vida e sua qualidade. E considerar o fato de que inevitavelmente todos nós vamos nos deparar com a finitude em algum momento, a preparação para lidar com a morte é uma das maneiras de que a situação fique ainda mais difícil de ser enfrentada. Quanto melhor a nossa saúde emocional antes do luto acontecer, menos, complicado será passar por ele.

Mesmo depois de tantos séculos a morte ainda continua sendo uma figura sombria, segundo Edgar Morin, o homem não aprendeu a lidar com o momento lúgubre ³da morte, e que em nenhuma época o homem foi capaz de lutar contra ela. E que a morte continua sendo um tabu que temos como a única certeza que temos na vida, que não conseguimos esquecer-la ou negá-la. Tentamos controlá-la com os avanços da ciência, tendo a esperança de que as contribuições com a medicina, ciências humanas e sociais, possa tirar um pouco desta inquietude que nos persegue desde quando nos conhecemos por seres humanos. O Homem, segundo a ciência, é o único ser vivo que tem consciência da própria finitude. Desde os tempos mais remotos, constroem-se túmulos para sepultamento, fazem-se rituais, culminando em atos de grande inquietação, curiosidade, fascínio e medo.

Silva relata em seu artigo “*Epicuro e a morte como perda da subjetividade*” da importância do conhecimento em relação à morte, Silva afirma que a questão ensejada por Epicuro sobre a finalidade do conhecimento acerca da morte expõe uma medida para o conhecer. Desta forma, conhecer é compreender o limite do que pode ser dito e do que pode ser imaginado. O sábio, por sua vez, busca o conhecimento daquilo que lhe apresenta como passível de ser pensado, a partir dos elementos da sensibilidade. As sensações (*aésthesis*) inauguram o processo de conhecimento que é complementado pelas projeções do projeto (*epibolé tés diánoias*) porém interessa sobretudo compreender os limites de tais projeções, para que não ultrapassem as raias da coerência, cujo referencial é a morte enquanto fato, acontecimento, cujo conteúdo, não existe é insondável.

³ Que pode estar relacionado à morte; que faz lembrar a morte ou os funerais; fúnebre ou macabro. Que causa tristeza; que incita pavor; melancólico e pavoroso. Que provoca medo, pavor; que é medonho; sinistro.

Diante de tais afirmações e da importância do tema em questão este trabalho se propõe em fazer uma investigação filosófica, a partir de uma pesquisa bibliográfica para a elaboração deste artigo, apresentado na seguinte ordem: exaltação ao filósofo Epicuro, a conjuntura em que viveu Epicuro, o Epicurismo, a morte na perspectiva mitológica e filosófica, e uma análise da *Carta a Meneceu (Sobre a Felicidade)* tendo como objetivo a compreensão da morte em busca da felicidade (sabedoria).

Sendo assim, o estudo e a educação voltada para a morte deve ser um tema a ser amplamente estudado e seus resultados divulgados e debatidos na sociedade. Nas escolas nos preparamos para a vida social, e desta mesma forma, deveríamos também nos preparar para o fim de nossa existência. Nossa educação deveria envolver comunicação, relacionamentos, situações-limite, como perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte.

2- EXALTAÇÃO AO FILÓSOFO EPICURO

Epicuro de Samos foi um filósofo da Grécia Antiga, o fundador do “Epicurismo” sistema filosófico que proclama o prazer obtido mediante a prática da virtude como o único bem superior do homem.

Epicuro nasceu em janeiro do ano de 341 a.C., na ilha grega de Samos, vem de linhagem nobre, filho de Néocles e de Queréstrata, mas sempre ostentou a cidadania ateniense herdada do pai emigrante. Epicuro cresceu num meio campestre simples, sob a guarda de seus pais, aos quais demonstrou, por toda a sua vida, um profundo reconhecimento, e juntamente com três irmãos que mais tarde se tornaram seus discípulos.

Em Samos, ele passou a infância e a juventude, iniciando os estudos de filosofia com o acadêmico Pânfilo, filósofo platônico cujas lições seguiu dos 14 aos 18 anos. Ao atingir essa idade, 323 a.C., Epicuro transfere-se para Atenas a fim de cumprir os dois anos obrigatórios do treinamento militar destinado aos efebos. Nessa mesma condição, encontra com o colega de turma o futuro dramaturgo Menandro⁴, de quem se torna amigo. É em Atenas, capital cultural da Grécia Antiga, que Epicuro irá também encontrar os grandes filósofos ainda em

⁴ Menandro (em grego Ménandros; 342 a.C. — 291 a.C.) foi o principal autor da Comédia nova, última fase da evolução dramática ateniense, que exerceu profunda influência sobre os romanos Plauto e, sobretudo, Terêncio. Filho de *Diopieithes*, de *Cephisia*, nasceu em Atenas, numa família abastada, recebeu educação bem cuidada e acredita-se que tenha sido pupilo de Teofrasto. Viveu 52 anos.

atividade após o desaparecimento de Sócrates⁵ e Platão⁶ (com exceção de Aristóteles⁷, banido da cidade e refugiado em Cálcis, onde viria a falecer no ano seguinte), desde Teofrasto⁸, o sucessor de Aristóteles no Liceu, até Xenócrates⁹, diretor da academia, cujos ensinamentos Epicuro certamente seguiu.

Em 322, após a morte de Alexandre Magno¹⁰, o sucessor deste decide expulsar de Samos todos os colonos atenienses, entre os quais a família inteira de Epicuro. È então que este decide abandonar Atenas para ir juntar-se a seus familiares desterrados em Cólofon, na costa asiática. Próximo dali, em Teos, Epicuro passa a acompanhar os ensinamentos de Nausífanos, filósofo atomista que o inicia no pensamento de Demócrito¹¹, que de início o entusiasma, mas cuja revisão ele já começa a empreender ao fundar sua própria escola em Cólofon.

Entre 311 a.C., e 310 a.C., Epicuro tenta fundar outra escola em Mitilene, na lendária ilha de Lesbos, mas é impedido pelos aristotélicos que ali pontificavam. Muda-se então para Lâmpsaco, nos Dardanelos, onde também entra em choque, desta vez com os platônicos, mas consegue, assim mesmo, instalar uma escola. È aqui, e nesta época, que ele conquista seus

⁵Sócrates foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte, bem como pelas peças teatrais de seu contemporâneo Aristófanes. Muitos defendem que os diálogos de Platão seriam o relato mais abrangente de Sócrates a ter perdurado da Antiguidade aos dias de hoje.

⁶ Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental.

⁷ Aristóteles foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Em 343 a.C. torna-se tutor de Alexandre da Macedônia, na época com treze anos de idade, que será o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em 335 a.C. Alexandre assume o trono e Aristóteles volta para Atenas onde funda o *Liceu*.

⁸ Teofrasto. (em grego: Θεόφραστος; Eresos, 372 a.C. — 287 a.C.) Foi um filósofo da Grécia Antiga, sucessor de Aristóteles na escola peripatética. Era oriundo de Eressos, em Lesbos, seu nome original era Tirtamo, mas ficou conhecido pela alcunha de Teofrasto, que lhe foi dada por Aristóteles, segundo se diz, para indicar as qualidades de orador.

⁹ Xenócrates. (406 a.C. — 314 a.C.) foi um filósofo grego. Nascido na Calcedônia, Xenócrates tornou-se discípulo de Platão, a quem acompanhou à Sicília, sucedendo Speusipo, após o suicídio deste, na direção da Academia. Ali, sofreu influências de Pitágoras, mas esforçou-se para conciliá-las aos ensinamentos de seu mestre. Escreveu "O Tratado da Morte" e, aos 86 anos, para se manter coerente com suas ideias, suicidou-se, ingerindo veneno.

¹⁰ Alexandre Magno ou Alexandre O grande era filho de Filipe da Macedônia, que se tornou rei em 338 a.C., dominando toda a Grécia, com exceção de Esparta. Aos 13 anos recebeu como preceptor ninguém menos que Aristóteles, um dos homens mais sábios de sua época e de todos os tempos.

¹¹ Demócrito filósofo materialista, assim como seu mestre Leucipo, seguiu o caminho da filosofia racionalista científica e é reconhecido como o filósofo grego que mais contribuiu para o desenvolvimento da posição atomista. Como não havia distinção clara entre filosofia e ciência na Grécia do século IV a.C., e como a posição atomista de Demócrito é muito semelhante aos desenvolvimentos do século XIX, acerca da compreensão da estrutura atômica, Demócrito é mais reconhecido como cientista do que filósofo, sendo considerado por autores modernos como o pai da ciência como a conhecemos hoje.

adeptos mais ilustres, que passarão a acompanhá-lo pelo resto da sua existência: Hermarco¹², Colotes¹³, Metrodoro¹⁴, Pítocles e Heródoto¹⁵ (estes dois últimos, por sinal, ao lado de Meneceu, são justamente os destinatários privilegiados das três célebres cartas que costumam ser apontadas como a súpula do pensamento epicurista).

Nos anos 306 a.C., Epicuro regressa finalmente a Atenas, onde adquire uma ampla casa logo acrescida de um grande jardim, para o fim exclusivo de instalar aquela que viria a ser a sua célebre escola ateniense, muito logo conhecida como “O Jardim de Epicuro”. Enquanto na casa habitavam os mestres, ou seja, além do próprio Epicuro, também os antigos discípulos, Hermarco e Metrodoro, entre os mais ilustres, no amplo jardim, acampados em barracas e cultivando hortaliças, instalavam-se os novos discípulos vindo das mais distantes regiões. Após a morte de Epicuro, aos 72 anos de idade, em 270 a.C., foi o fiel Hermarco quem o sucedeu na direção da escola.

3- A CONJUTURA EM QUE VIVEU O FILÓSOFO EPICURO

Durante os séculos III a.C. e II a.C., os gregos estiveram sob o domínio da Macedônia. Alexandre o Grande, filho de Felipe II, primeiro governante desse período, foi o grande responsável por essas conquistas. Alexandre morreu com apenas 33 anos, e seu império acabou não sobrevivendo a isso. As constantes revoltas internas e as divisões na

¹² Hermarco de Mítilene (grego Ἑρμαρχος, Hérmarkhos) (c.325 a. C - 250 a. C) foi um filósofo grego da escola epicurista, que assumiu o Jardim na morte de Epicuro, no ano 270 a. C. Ele foi um discípulo em Mítilene, por volta de 310 a. C, e permaneceu com ele por muitos anos (Epicuro afirma em seu testamento: "envelhecido comigo em filosofia").

¹³ Colotes de Lâmpsaco (em grego: Κολώτης Λαμψακηνός; transl.: *Kolōtēs Lampsakēnos*; c. 320-após 268 a.C.) foi um pupilo de Epicuro e um dos mais famosos de seus discípulos. Escreveu um trabalho para provar *É mesmo impossível de viver de acordo com as doutrinas de outros filósofos* (ὅτι κατὰ τὰ τῶν ἄλλων φιλοσόφων δόγματα οὐδὲ ζῆν ἐστιν). Foi dedicado ao rei Ptolemeu Filópator. Na refutação dele Plutarco escreve dois trabalhos, um diálogo, para provar, *É mesmo impossível de viver agradavelmente de acordo com Epicuro* e um trabalho intitulado *Contra Colotes*. De acordo com Plutarco, Colotes era hábil, mas vaidoso, dogmático e intolerante. Fez ataques violentos contra Sócrates e outros grandes filósofos. Foi um grande favorito de Epicuro, que usou, pelo caminho do afeto, chamá-lo Κολωτάρης e Κολωτάριος. Foi também relatado por Plutarco, que Colotes, depois de ouvir o discurso de Epicuro sobre a natureza das coisas, caiu de joelhos diante dele e rogou-lhe dar instrução. Sustentou que era indigno da confiança de um filósofo por usar fábulas em seu ensino, uma noção a que Cícero se opõe.

¹⁴ Metrodoro de Quiós (em grego antigo: Μητρόδωρος ὁ Χίος; fl. século IV a.C.) foi um filósofo pré-socrático grego que pertenceu à escola de Demócrito, sendo um importante predecessor de Epicuro. Metrodoro era um completo cético. Aceitou a teoria dos átomos, do vazio e da pluralidade dos mundos de Demócrito, mas tinha uma teoria própria, na qual dizia que as estrelas são formadas no curso do tempo pela humidade do ar sob o calor do Sol.

¹⁵ Heródoto (484 a.C.-425 a.C.) foi um importante historiador grego da antiguidade. Foi considerado pelo filósofo Cícero, o pai da História. Revelou as primeiras conquistas dos persas na Grécia, as várias formas de governo, até a retomada do poder pelos gregos.

política acabaram por enfraquecer o Império Macedônico e facilitando a ocupação dos romanos.

Mas, o movimento de expansão territorial a qual ele foi o grande precursor sobreviveu e é considerado sua grande obra. Esse movimento foi o grande responsável por difundir pelo Oriente a cultura grega, fundando cidades que acabaram se tornando verdadeiros centros de difusão da cultura grega no Ocidente. Neste cenário, as culturas locais acabaram se fundindo com os elementos gregos. Esse fato recebeu o nome de helenismo e os elementos orientais juntamente com a cultura grega deram origem a cultura helenística, numa referência ao nome como os gregos denominavam a si mesmos.

O contexto histórico no qual a filosofia de Epicuro parte é o chamado período helenístico, especialmente marcado por grandes mudanças sociais decorrentes das conquistas de Alexandre, o Grande, o que levou ao ideal da *pólis*¹⁶ como tinha sido entendido até então. As *pólis* perdem sua autarquia e aparecem apenas como províncias de um vasto império, o que levou ao surgimento de uma nova mentalidade e um novo espaço mental capaz de enfrentar, de uma maneira nova, um quadro diferente da convivência humana, de modo que a perda do senso de coletividade que acompanhou a perda do ideal da polis clássica produziu mudanças em todas as áreas do pensamento.

Segundo Savian Filho, o Helenismo é um período histórico do mundo antigo, compreendido entre o fim do século IV e os começos do século I a.C. Trata-se, portanto, do período iniciado com a formação dos reinos que dividiram entre si o império de Alexandre, o Grande, e que durou até a conquista romana, em 146 a.C., quando a Grécia foi declarada província romana. Segundo alguns historiadores, esse período iria até o advento de Augusto e a definitiva consolidação do Império Romano (\pm 20 a.C.).

Ainda, segundo Savian Filho antes da crise do século IV a.C., a Grécia, como se sabe, constituía-se numa confederação de cidades-estados: as “*póleis*” gregas permaneceram isoladas, constituindo Estados autônomos, e espalhavam-se por todo o Mediterrâneo, no Ponto Euxino (Mar Negro), no Mar de Mármara (Propôntida), na Magna Grécia (sul da Itália) e na Sicília. Nenhuma das cidades-Estado chegou a atingir um equilíbrio interno dos diferentes fatores econômicos e sociais que permitisse lançar-se a empreendimentos exteriores

¹⁶ A *pólis* (πόλις) - plural: *poleis* (πόλεις) - era o modelo das antigas cidades gregas, desde o período arcaico até o período clássico, vindo a perder importância a partir do domínio romano. Devido às suas características, o termo pode ser usado como sinônimo de cidade-Estado. As *poleis*, definindo um modo de vida urbano que seria a base da civilização ocidental, mostraram-se um elemento fundamental na constituição da cultura grega, a ponto de se dizer que o homem é um “*animal político*”. Essa comunidade organizada é formada pelos cidadãos (no grego “*πολίτικοι*”, “*polítikoi*”), isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, livres e iguais, o período arcaico até o período clássico, vindo a perder importância a partir do domínio romano.

capazes de impulsionar a unificação da Grécia; não houve um elemento suficientemente forte que favorecesse a aglutinação, e as “*póleis*” continuaram como parcelas políticas isoladas, embora sob a hegemonia de Atenas, com seu regime de Democracia escravista. Além disso, havia uma luta acirrada entre o campo e a cidade.

A literatura tradicional, na qual se aprofundou, e a vida que o cercava mostraram-lhe a história e a posição espiritual do seu povo. Mas dentro desse contexto, houve muitas coisas que desaparecera: a concepção heroica do tempo magnífico, assim como seus poetas, artistas plásticos e líderes políticos. Sobrevivia apenas mornamente nos velhos costumes religiosos populares. Os cosmólogos anunciaram explicações do universo das mais contraditórias. O movimento dos sofistas desvanecera-se; apenas a sua realização estilística, a retórica, restara; porém esta também perdera o seu valor nos reinados de governo centralizado, depois do caso das *póleis* helênicas livres.

Em Atenas, continuavam a florescer as escolas de Platão, falecido seis anos antes do nascimento de Epicuro, e do seu discípulo Aristóteles, que findou a sua vida o ano de 322 a.C., reunindo um distinto círculo de adeptos. Em Cirene, que agora pertencia ao reinado egípcio, a escola dos hedonistas, fundada por Aristipo na primeira metade do século, continuava a pregar o gozo como o propósito final da vida, decaindo, porém, para a pura negação e o pessimismo, em vista da insatisfação desse alvo, pouco tempo depois. Os cínicos atravessavam os países, numa grotesca tentativa de melhorar o mundo, criticando tudo que tornava a vida digna de ser amada e vivida.

É compreensível que, no meio de todo esse caos originado pelas constantes guerras dos que estavam no poder e que aumentavam ainda mais a miséria já existente, um espírito livre procurasse um novo ponto fixo, a partir do qual pudesse ser achado um novo caminho da vida, uma ventura tranquila, livre de inquietações e de receios para todos os homens. As tempestades dos brutais acontecimentos poderiam ter sido subjugadas, então, apenas por um coração duro. Um avanço heroico na política era vedado por si só, pois reinava a espada! E ir de país a país, sem raízes, como os sofistas e os cínicos, rebelava certamente a origem rústica de Epicuro e talvez também o seu temperamento ático; pois os atenienses são de natureza sedentária, o que vemos com maior clareza no ateniense típico: Sócrates¹⁷.

¹⁷ Sócrates (em grego: Σωκράτης, IPA: [soːkrátɛːs], transl. *Sōkrátēs*; Atenas, c. 469 a.C. - Atenas, 399 a.C.) foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte, bem como pelas peças teatrais de seu contemporâneo Aristófanes.

Desse modo, o alvo visível para Epicuro ficou sendo a vida de homem filosófico, para onde o guiavam a sua maneira de viver até aquele instante e a sua vocação íntima, mas dentro duma comunidade estreitamente unida, como eram a escola de Pitágoras¹⁸, de Platão¹⁹ e de Aristóteles²⁰. Pois, mesmo sendo sua convicção filosófica totalmente diferente, era penas num círculo igual ou semelhante que Epicuro podia encontrar plena satisfação para o coração e para o espírito.

Por um lado, mudaram as mesmas concepções religiosas: os deuses domésticos da polis foram substituídos por mais deuses cósmicos; por outro lado, junto com isso, surgiu a necessidade de teorizar mais o espaço privado. Nesse ambiente emergem as novas escolas morais e o novo ideal de sabedoria do qual a filosofia epicurista é exemplo.

Segundo Falabretti, o Jardim de Epicuro foi uma escola filosófica da Antiguidade, fundada em 306 a.C., na periferia de Atenas. Epicuro que era um estrangeiro nascido na ilha de Samos, chegou a Atenas como exilado. Atenas já não era mais a mesma, desde que perdeu a batalha de Queroneia em 338 a.C., a cidade não detinha a hegemonia de antes, e após a morte de Alexandre Magno (323 a.C.), instalou-se uma luta pelo poder por parte dos generais alexandrinos, enquanto isso, o povo ficou abandonado á fome, a falta de trabalho e a crescente delinquência.

O fato de o Jardim está na periferia da cidade é simbólico, Epicuro também está na periferia em sentido político e filosófico, porque não partilha as ideias de Platão e Aristóteles e nem vive o auge da cultura daqueles tempos. Sua filosofia, nesse sentido, é uma filosofia da crise e seu Jardim, um gesto de denuncia do colapso cultural grego. Trata-se de uma nova aurora.

¹⁸ Pitágoras de Samos em grego: Πυθαγόρας ὁ Σάμιος, ou apenas Πυθαγόρας; Πυθαγόρης em grego jônico; c. 570 – c. 495 a.C.) foi um filósofo e matemático grego jônico creditado como o fundador do movimento chamado Pitagorismo. A maioria das informações sobre Pitágoras foram escritas séculos depois que ele viveu, de modo que há pouca informação confiável sobre ele. Nasceu na ilha de Samos e viajou o Egito e Grécia e talvez a Índia, em 520 a.C., voltou a Samos. Cerca de 530 a.C., se mudou para Crotona, na Magna Grécia.

¹⁹ Platão (em grego antigo: Πλάτων, transl. *Plátōn*), foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental. Acredita-se que seu nome verdadeiro tenha sido Arístocles.

²⁰ Aristóteles (em grego clássico: Ἀριστοτέλης; transl.: *Aristotélēs*; Estagira, 384 a.C. — Atenas, 322 a.C.) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande.^[2] Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Em 343 a.C. torna-se tutor de Alexandre da Macedônia, na época com treze anos de idade, que será o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em 335 a.C., Alexandre assume o trono e Aristóteles volta para Atenas onde funda o *Liceu*.

4- O SURGIMENTO DO EPICURISMO

Contrariamente ao que, muitas vezes, foi propalado, o epicurismo não surgiu para dar combate ao estoicismo. Zenon de Cítio (354-262 a.C.) fundou o Pórtico²¹ (*Stoá poikile* = Pórtico ornado), em 301 a.C., ou seja, cinco anos depois de Epicuro já está cercado de discípulos em seu *kêpos*, é mister desvanecer também esse erro histórico. Para entender as razões por que surgiu o epicurismo, torna-se necessário ter presentes as circunstâncias político-sociais e ético-religiosas do tempo do mestre do jardim.

Examinemos, brevemente, cada um desses aspectos, visto que, já apresentamos o contexto histórico anteriormente na sessão (*O contexto histórico em que viveu o filósofo Epicuro*).

Epicuro não olhava com simpatia a chamada cidade-estado, concretizada em Atenas, onde vivia. A pólis se lhe afigurava sinônimo de vida leviana e de injustiça social. De feito, campeava o vício e, tal como em nossos dias, a riqueza estava concentrada nas mãos de poucos. Era a aristocracia urbana. Quanto a política, algumas famílias detinham o poder, Atenas tornara-se o centro da Ática. Essa centralização recebeu o nome de sinecismo²² (*Sýn + oikéou*). As classes menos afortunadas eram escravizadas pelos ricos. Grandes glebas²³ achavam-se nas mãos de poucos.

Foi durante a vida de Epicuro que o sinecismo forçado chegou ao seu ápice, inclusive muitas cidades pequenas foram destruídas, para concentrar sua população em “megalópoles²⁴”. Informam-nos os historiadores de que, no século IV a.C., a moralidade decrescera, em todo o mundo grego. A avidez pelo poder, a avareza e a ambição tinham levado os homens à prática de crimes horrendos. Estava ausente a felicidade.

Os jovens, que tinham tomado parte nas guerras, haviam sido corrompidos pelas heteras²⁵. Imperava a leviandade. Injusto, é, pois, dizer que o epicurismo foi à causa da corrupção dos costumes na Ática.

²¹ O termo latino *porticus* converteu-se, na nossa língua, em pórtico. Este conceito menciona o espaço levantado com colunas e telhado que se encontra na entrada de certas construções. Entrada monumental de um edifício nobre. Porta principal de um edifício; porta da estrutura existente em uma estrada, que permite registrar os veículos que passam por ela, no sentido de permitir o pagamento eletrônico de portagens.

²² Sinecismo é coabitação. Fusão, por motivos defensivos, de pequenas comunidades numa maior que totalmente as substitui; processo que na Grécia antiga levou à formação da pólis.

²³ Terreno próprio para cultivo; torrão, leiva. Terreno que contém minério.

²⁴ Megalópole é um termo elaborado para designar uma região ou área super urbanizada, que congrega em torno de si uma articulação entre metrópoles, regiões metropolitanas e pequenas cidades, concentrando boa parte da população e dos serviços de um país.

²⁵ As heteras ou hetairas (do grego *ἑταίραι*, transl. *hetairai*: 'companheiras', 'amigas'), na sociedade da Grécia Antiga, eram prostitutas refinadas, que, além da prestação de serviços sexuais, ofereciam companhia e frequentemente tinham relacionamentos duradouros com seus clientes.

Epicuro recusa a vida política, não, por motivos anárquicos. O que Epicuro permite ao filósofo é colaborar com o *basileús* (governante), ensejando-se a ocasião: colaborar, não na política ativa, mais aceitando-o e servindo a ele. O objetivo dessa atitude é garantir a segurança e, em consequência, a possibilidade da ataraxia²⁶. Epicuro também se opôs, formalmente, a Platão, devido à *Republica*²⁷. Segundo o fundador da Academia, devem distinguir-se dois tipos de *pólis*. A primeira, simples, mais antiga, tinha por finalidade a satisfação das necessidades primárias do homem; alimento, vestimenta e habitação. Era composta, sobretudo, por pessoas que cultivavam no campo ou exerciam profissões semiespecializadas, tais como sapateiros, ferreiros, etc. O importante é que se respirava um ar de felicidade, num ambiente de vida sadia. A alimentação era constituída de produtos da terra, na bebida não se cometiam excessos, com simplicidade cultuavam-se os deuses. Era o que pode denominar-se “uma verdadeira idade de ouro”, como vínculo de união das pessoas imperava a amizade, a justiça era quase desconhecida, por ser desnecessário aplica-la.

A primeira *pólis*, de vida simples e rústica, recebeu o nome de “cidade dos porcos”, sem conotação de imoralidade, mas apenas de desprezo. Contra tal denominação, encontrada na República, conhecida de Epicuro, o mestre do Jardim usou um legítimo *ad hominem*, ao escrever: “É melhor ser feliz num leito de junco do que miserável num luxuoso banquete, em coxins dourados”. (ULLMANN, 2010, p. 36).

Entretanto, a segunda *pólis*;

[...] que segue a anterior, caracteriza-se como cidade luxuosa, faustosa²⁸. Esta nada mais é do que o retrato da cidade do tempo de Epicuro. Ao invés da simplicidade, o fausto; em vez do comedimento, a avareza; em lugar da vida pacífica, a discórdia. Para reger tal tipo de vida, mister²⁹ se torna implantar um complicado código de leis. A crença nos deuses está eivada³⁰ de mil e uma superstições. Os homens não são felizes. (ULLMANN, 2010, p.36).

²⁶O termo grego ataraxía, introduzido por Demócrito (c. 460/370 a.C.), significa tranquilidade da alma, ausência de perturbação. Filosoficamente para os pensadores cépticos, epicuristas e estoicos, completa ausência de perturbações ou inquietações da mente, concretizando o ideal tão caro à filosofia helênica da tranquila e serena felicidade obtida através do domínio ou da extinção de paixões, desejos e inclinações sensoriais.

²⁷ *A República* (Πολιτεία, ou Politeia, no original grego). Foi escrita por volta de 380 a.C., e é particularmente rica em termos filosóficos, políticos e sociais. Em questão, está a busca de uma fórmula que garanta uma harmoniosa administração à uma cidade, mantendo-a livre da anarquia, dos interesses e disputas particulares e do caos completo.

²⁸ Adjetivo que demonstra pompa; em que há ostentação; magnificência. Substantivo masculino Sujeito que gosta de viver de modo faustoso; quem gosta de luxo.

²⁹ Estado ou condição do que necessita de (algo); necessidade, precisão, exigência, ver uso a seguir.

³⁰ Eivada é o feminino de eivado. O mesmo que: contaminada, infeccionada, infecta, infectada, inficionada, maculada.

Em suma, entre as duas *póleis*, Epicuro opta pela vida simples, justa, virtuosa. Portanto, a base da filosofia epicureia cifra-se em opor à concepção platônica de *pólis* o antigo estilo de vida. É a saudade de um tempo de ouro, de um tempo quase místico.

Diante disso, como se configurava o mundo ético-religioso, no tempo de Epicuro? Segundo Ullmann, a verdade, é que a superstição tomara conta, a prática religiosa replenar-se de temores. Desse modo, medo escrupuloso das divindades não é religião, porque esta quer dizer adoração dos deuses, num sentido de reverência e dependência. Para designar superstição o filósofo grego emprega a palavra *deisidaimonía*. Sua manifestação é múltipla: evitar o contato com sepulturas e cadáveres; temor de maus presságios; necessidade de fazer explicar os sonhos, através dos quais os deuses comunicam revelações aos homens; crença na virtude purificadora de certos ramos de árvores e da água do mar; pânico provocado por um alienado ou epilético; veneração do lugar em que uma serpente penetrou para dentro da casa, etc. Traço típico da superstição é que seu ritual se repete indefinidamente, como temor de o primeiro não ter garantido eficácia.

É bem verdade que a filosofia se viu forçada a inventar novos termos, a fim de atender a propósitos estritamente filosóficos (adequar o ser, o dizer, e o pensar), mas na maioria das vezes ela se valeu de termos ancestrais. Entre eles, do termo *daimôn*, tanto que o substantivo *deisidaimonía* (que designava o temor supersticioso do vulgo ante os deuses) gerou a ideia de religião, que se caracterizava pela atitude do envolvimento respeitoso (carregado de afetação e de superstição), sobretudo temeroso perante as forças *daimônicas* (mansas ou furiosas, edificantes ou destrutivas) que se manifestam na natureza ou no viver. Dá-se que, no território das crenças, muitas vezes o temor se sobrepõe a confiança, de modo que o crente passa a se dedicar todo o seu tempo a construir uma certa paz com o divino. Foi, pois, nesse sentido que ao substantivo *deisidaimonía* se agregou o adjetivo *deisidaimon*, que veio exatamente indicar os sentimentos de respeito e de temor pelos os quais os indivíduos se deixavam possuir; por sua vez, a fim de expressar a afetação excessiva derivada daqueles sentimentos, o verbo *daimonízomai*, veio a designar esse estado de espírito, nos termos de uma possessão, a ponto de um indivíduo (tido como possesso pelo *daimôn*) ser considerado como alguém que perdia a gerência (racional) de si mesmo e ficava possuído por um *êthos* estranho ou anômalo ao humano. (SPINELLI, 2006, p. 122).

O que podemos concluir daí? Que, para muitíssimas pessoas, a religião se tornara uma horrível servidão, pesando tremendamente sobre as almas presas de um formalismo estéril. A religião grega, eivada de mitos os mais variados, minada pelo ceticismo, destituída de toda e qualquer seiva fecunda, reduzira-se a um sistema de utilitarismo e pragmatismo áridos, a uma congérie³¹ de ritos, sem significação nenhuma. E que nunca um povo de cultura

³¹ Sf (lat congerie) 1 Reunião de muitas coisas diferentes. 2 Acervo, acumulação. 3 Ret Espécie de amplificação que consiste no agrupamento de ideias e pensamentos equivalentes. C. cultural, Social: acervo de elementos culturais não articulados entre si e justapostos no espaço.

tão avançada teve uma religião tão infantil. Nessa “religião infantil”, podemos sem dúvida, incluir que se temia menos a morte do que a privação da sepultura. Se o corpo não tivesse a sepultura ritual, a alma não poderia entrar no Hades.³² Ficaria errante, rechaçada por todos, não sendo aceita nem pela sociedade dos vivos, nem pela dos mortos. O sábio epicureu não se preocupará com a sepultura, pois não sendo matéria, pouco interessa o que sucede ao corpo.

Referindo-se à superstição ansiosa e angustiante do tempo de Epicuro, com mil novos cultos, misticismo, promessas soteriológicas³³ no além-tumba, denomina-se esse ambiente como “um clima de irracionalidade senil”, em contraste com a sóbria espiritualidade epicureia. Segundo Lucrécio, o temor dos deuses não era apenas um suplício para a vida presente, estendia-se a vida após a morte, eternamente infeliz, no Hades, nos íferos.

Quando a vida humana, ante quem a olhava, jazia miseravelmente por terra, oprimida por uma pesada, religião, cuja cabeça, mostrando-se do alto dos céus, ameaçava os mortais com seu horrível aspecto [...] (EPICURO, 1966, p. 79).

A religião era uma doença institucional, onde os nobres e poderosos controlavam a religião, a exposição da lei e a interpretação da vontade do céu, não sem colher benefícios próprios, a religião colaborava para manter o *status quo* político. A situação agravou-se ainda mais, pelo fato de Licurgo (390-324 a.C.), eleito em 338 a.C., pelos atenienses para cuidar das finanças, Licurgo administrou tudo muito bem, que ao lado de tantas obras, restaurou, em toda a Atenas e na Ática em geral, os templos e reintroduziu o brilhantismo das festas religiosas. Com isso, floresceu, grandemente, o zelo pela adoração das divindades e recrudescu³⁴ a *deisidaimonía*. Para Epicuro, a atitude do estadista representou um gesto de impiedade, por ter incrementado o medo aos deuses. Desejoso de dar paz às consciências começou a sustentar uma luta incansável contra a superstição.

Outro fato com o qual o mestre do jardim não concordava foi que o substituto de Licurgo, de nome Demétrio de Falero (550-487 a.C.), sobre manter ativo o culto aos deuses, criou leis em favor dos ricos, o que, segundo Epicuro, nada mais era do que favorecer a ambição. Para o mestre, a vida devia ser simples e sem ambições. Estas movimentam-se na

³² Hades Tem origem no grego *Haidēs*, derivado de *aides*, que quer dizer “invisível”. Lugar dos mortos, inferno. Na mitologia grega, Hades era irmão de Zeus e marido de Perséfone, e também era o deus do submundo subterrâneo, conhecido também como deus do inferno. Hades tinha o domínio sobre o reino dos mortos, rodeado por muita tristeza.

³³ Parte da teologia que estuda a salvação da humanidade. Doutrina da salvação da humanidade por Jesus Cristo.

³⁴ Recrudescu vem do verbo recrudescer. O mesmo que: aumentou. Transformar em algo ou alguém mais intenso: tornar-se mais forte, exacerbar. Reviver os sintomas mais intensos e alarmantes da doença; agravar-se.

*diade*³⁵ indefinida do grande e do pequeno, na expressão de Platão, onde o *mais do que* é também um *menos do que*. O ambicioso raciocina assim: eu possuo isto, mais poderia ter mais.

Contudo, o quadro político-social e ético-religioso encontrado por Epicuro, ao estabelecer-se em Atenas em 306 a.C., e o Savonarola pagão tinha sobejas razões para rebelar-se, foi em meio a esse ambiente que surgiu o Epicurismo, que teve como pano de fundo a Academia de Platão. Sendo, assim, o epicurismo apareceu como um sistema filosófico, a fim de reconduzir os homens a *eudaimonía*. Para conseguir este feito, idealizou o famoso *tetraphármakos*, ou seja, o remédio quádruplo, traduzido para outros como “quadrifármaco”, que teve os seguintes postulados: *Nenhum temor aos deuses; Nenhum temor da morte; Não é difícil procurar limitar seus bens e consegui-lo; e por último, Os males têm duração breve ou só trazem consigo breves dores.*

5- A MORTE NA PERSPECTIVA MITOLÓGICA E FILOSÓFICA

Segundo José Sobreira Barros Júnior, um dos fatos mais interessantes na história da humanidade como um todo é tentar explicar o início e o fim de tudo, os acontecimentos do cotidiano e as possibilidades de entender a vida pós-morte. Em todos os tempos sempre ocorreu aos homens perguntar-se sobre sua origem e a do próprio universo que os cerca, assim como seu fim.

Mas, sempre nos fazemos uma pergunta por que as pessoas morrem? Segundo Ribeiro, essa é, talvez, a mais intrigante e curiosa de todas as perguntas. Filósofos têm tentado achar uma resposta para ela por milênios e nunca conseguiram. Muitos de nós esquentamos a cabeça pensando sobre a origem da morte e não chegamos a uma conclusão concreta. A verdade é que cada um aceita e segue a teoria do que acredita. Para o Cristianismo, a morte se dá porque Deus baniu Adão e Eva do Jardim do Éden após ela morder o fruto proibido. Já para a mitologia grega, nós morremos por causa da abertura da caixa de Pandora. A verdade é que existem muitas teorias sobre a origem da morte e elas causam uma grande curiosidade em todos nós.

Segundo Júnior, pensar sobre o debate entre mitologia e filosofia, com relação à morte, é, antes de tudo, procurar as razões que se diferem nas duas explicações de realidade. A mitologia é uma narrativa que conta de maneira fantástica o passado, já a filosofia tem uma

³⁵A *diade* é um par no qual a individualidade de cada um é eliminada em detrimento da unidade desse par no seio da qual se organizam certos tipos de ligações.

preocupação com o passado, o presente e o futuro. Desta forma, o refletir filosófico é, antes de tudo, uma perspectiva de *totalidade de tempo*. Quando o mito narra à origem das coisas apresenta toda uma genealogia com rivalidades e alianças entre as coisas, as forças divinas que são sobrenaturais ou mesmo personalizadas. Já na filosofia encontramos uma busca explicativa sobre como a natureza determina um elemento único de formação da cosmologia. Assim, os primeiros filósofos pré-socráticos, estão procurando o elemento norteador do Universo e da vida na terra, água, fogo, ar, átomo, etc.

Diante disso, Júnior destaca que o mito fala em Urano, Ponto e Gaia e a reflexão filosófica apresenta o céu, o mar e a terra. Sendo que diferentemente da explicação mitológica onde estes elementos surgem por casamentos a filosofia os explica, como um processo de separação de quatro elementos (úmidos, seco, quente e frio ou água, terra, fogo e ar). A autoridade religiosa do narrador permite a este não se importar com as possíveis contradições narrativas do processo mítico. A filosofia por sua vez não permite contradições, fabulações, mas sim o discurso lógico, sem contradições, a autoridade não está no filósofo, mas sim na razão que esta permeando o pensamento lógico. O filósofo é aquele que tem como ponto de partida para a análise da realidade a razão, esta com seus princípios e regras determina um critério para o seu processo de evolução analítica. Somente desta maneira a reflexão filosófica poderá trabalhar com a contradição e com o pensamento universal. Será ainda parte do refletir filosófico a dúvida constante e a tendência para a generalização.

Porém, Júnior reforça que não podemos esquecer que os próprios filósofos na Grécia Antiga utilizaram a mitologia ou a alegoria para o processo de reflexão filosófica. É o caso de Platão e a *alegoria da Caverna* ou “*mito*” da *Caverna*. A leitura da realidade passa por vários caminhos, tanto no passado como no presente, desvendar os mitos, tornar possível os caminhos da razão humana é o papel do filosofar no passado e no presente, pois só assim, poderemos construir uma *episteme*³⁶ capaz de estruturar uma *totalidade*.

D' Assumpção destaca que na mitologia grega, no princípio, se fez o Caos. E Caos, em grego significa o abismo insondável. Do Caos grego, nasceram Érebro (as trevas subterrâneas), e Nix (a noite, as trevas superiores). De Nix nasceram Urano (o céu) e Gaia (a Terra). Gaia se uniu a Urano que a fecundava continuamente. Deles nasceram os 12 Titãs, entre eles Crono (o tempo), os Hecatonquiros e os 3 Ciclopes. Urano detestava seus filhos e Crono, revoltado contra aquela situação, castrou seu pai e libertou a sua mãe. Casou-se em seguida com sua irmã Réia. Contudo, Crono temia uma profecia segundo a qual um dos seus

³⁶ Conhecimento real e verdadeiro, de caráter científico, que se opõe a opiniões insensatas e sem fundamento, muito empregado na filosofia grega ou no platonismo.

filhos usurparia seu trono. Por isso, também ele não gostava dos seus filhos e os devorava após seu nascimento. Infeliz com aquela situação, Réia decidiu salvar Zeus, o filho que acabara de dar à luz, enrolando uma pedra com as roupas que envolveram o menino. Recebendo a pedra, sentiu o cheiro da criança e devorou-a pensando ser seu filho. Assim Zeus sobreviveu, conseguiu escapar, e conforme a profecia tomou o trono de seu pai, ressuscitou seus irmãos antes devorados, e tornou-se o pai dos deuses e dos homens.

Ainda, segundo D' Assumpção numa genealogia discutível, Nix também gerou Éter (o céu superior, onde a luz é mais pura) e Hemera (o dia). Gerou Moro (o destino), Momo (o sarcasmo), Gueras (a velhice), Éris (a discórdia) e as Moiras (o destino), que são três: Cloto (a fiandeira do fio da vida), Láquesis (sorteadora dos que vão morrer) e Átropos (a que corta o fio da vida). E ainda Nêmesis (a justiça distributiva), Queres (a destruição), Hípno (o sono) e Thanatos (a morte).

Segundo a mitologia grega Tânato (em grego: Θάνατος, *Thánatos*) era a personificação da morte, para Galahad, a morte é um mistério e se existe vida após a morte, é outro mistério maior ainda. Galahad destaca que na mitologia grega existem alguns personagens ligados à morte ou ao submundo, como as Moiras, Caronte e Cérbero.

De acordo com a mitologia grega, a morte é uma mudança, que acontece da seguinte forma: as Moiras cortam o fio da vida, assim determinando a morte do indivíduo; Thanatos, a morte, reivindica sua alma; O indivíduo é sepultado com moedas de óbulo³⁷ e dânaça³⁸ dentro da boca. Em algumas versões, sobre os olhos; Hermes conduz sua alma ao cais de Caronte, o barqueiro do submundo, na entrada dos domínios de Hades; O indivíduo faz o pagamento ao barqueiro com suas moedas para a travessia dos rios Estige, Aqueronte, Cócito, Lete e Flegetonte; em seguida o indivíduo que morreu chega às portas do Palácio de Hades, o qual é vigiado por Cérbero, o cão de três cabeças; Ao entrar no palácio, o indivíduo é julgado pelos três juízes do mundo inferior: Éaco, Radamanto e Minos; Conforme for seu julgamento, ele pode ir para o Tártaro local dos homens maus, pecaminosos, criminosos, injustos e tudo de pior que poderiam ter sido quando ainda vivos; Campos Elísios para este local eram encaminhadas as almas boas, das pessoas justas que propagaram a benevolência na sua

³⁷ Moeda grega de pouco valor; no sentido figurado, significando esmola. Moeda ateniense com o valor de 1/6 da dracma, pesando 72 centigramas.

³⁸Dânaça (em grego: Δανάκη; transl.: *Danáke*) foi uma pequena moeda de prata do Império Aquemênida (em persa antigo: *dânake*) que equivalia ao óbolo grego e circulou entre os gregos orientais. Dânaças de ouro são frequentemente encontradas em túmulos. A dânaça é uma das moedas que serviram como o chamado óbolo de Caronte, que era colocado sobre ou na boca de um defunto para pagar o barqueiro que carregaria as almas através do rio que dividia o mundo dos vivos daquele dos mortos.

passagem pelo mundo; ou Campos Asfódelos local conhecido como “lugar nenhum”, destinado às almas que não fizeram mal, mas também não fizeram algum grande feito que justificasse sua ida para os Campos Elísios. Isto é, um lugar para pessoas que não tiveram algum significado relevante na vida.

Mas, por outro lado, se a morte for como uma mudança, daqui para outro lugar, onde ficam, segundo dizem, todos os mortos, que bem maior poderia existir, ó homens juízes? Pois ao chegar ao Hades, livres daqueles que se pretendem juízes, nos encontraríamos diante dos juízes verdadeiros, aqueles que, segundo se diz, por lá estabelecem a justiça: Minos, Radamante, Eacos e Triptólemo, além de outros semideuses, que foram justos durante a vida. (PLATÃO, 2009, p. 56).

Já, segundo a filosofia, a morte não é tratada da mesma forma pelos filósofos e apresenta variações de correntes e de pensamentos. De qualquer maneira, buscar entender essas teorias pode nos ajudar a ter uma relação de clareza com a morte e, obviamente, de menos sofrimento.

Segundo Osho, é possível encontrar três expressões de morte na história da mente humana. Uma delas é a do homem comum, que vive apegado ao corpo, que nunca conheceu nada maior do que o prazer da comida ou do sexo, cuja vida inteira, nada mais é, do que comida e sexo; que gosta de comer e gosta de sexo, cuja vida é muito primitiva, muito grosseira, que passou a vida no portão de seu palácio e nunca entrou, e que acha que a vida se resume a isso. No momento da morte, esse homem tentará se agarrar a vida. Ele resistirá a morte e lutará contra ela. A morte será encarada como sua inimiga. Daí, em todas as sociedades, do mundo todo, a morte ser retratada com algo sombrio e diabólico.

Essa atitude é mais comum do que imaginamos, pois, essas pessoas não entendem nada; não são capazes de conhecer todas as dimensões da vida, não conseguem tocar as profundezas da vida nem alcançar suas alturas, elas perderam a plenitude e a graça divina. Ainda, segundo Osho, existe então um segundo tipo de expressão. Os poetas e os filósofos que às vezes dizem que a morte não tem nada de mal, que a morte não é ruim; ela é repousante, um grande repouso, como o sono. Essa expressão é melhor do que a primeira, pelo menos essas pessoas conhecem algo que vai além do corpo; conheceram algo da mente. Elas não tiveram só comida e sexo; não passaram a vida toda só comendo e reproduzindo, elas conhecem a sofisticação da alma.

E existem também, aquelas pessoas que conheceram vida no seu âmago mais profundo, dizem que a morte pertence ao divino. Não se trata apenas de um descanso, mas

também de uma ressurreição, de uma nova vida e de um recomeço; uma nova porta que se abre.

Como dissemos antes, existem várias correntes que buscam explicar e entender a morte na filosofia, porém, quase todas podem ser agrupadas em dois grupos importantes: os niilistas: que acreditam que a morte é o fim completo do homem; e os não niilistas: que acreditam que a morte não é o fim completo do homem. Para os filósofos não niilistas, a morte somente é capaz de aplacar o nosso corpo físico, mas a alma (ou ainda a essência de cada ser humano) permanece, mesmo após a morte. Essa é a filosofia defendida por pensadores importantes como Sócrates e Platão, por exemplo. E já, para os filósofos niilistas, que são conhecidos por terem uma visão mais radical e cética do mundo, também englobam a morte nessa concepção radical. De acordo com o niilismo existencial, a existência do homem não possui qualquer finalidade ou sentido e, por isso, não devemos procurar um propósito para a nossa existência.

Segundo Cunha, nos tempos atuais, pode-se dizer que todas as pessoas admitem que a alma existe. No Cristianismo, por exemplo, a nossa alma deve ir para determinados lugares depois que morremos, e em tantas outras religiões há um lugar para a alma, e um caminho que ela deve percorrer. Porém, Cunha ressalta que, quem introduziu a ideia de que a alma é imortal, foi Sócrates. E por isso foi condenado à morte, sob a acusação de que negava aos deuses e corrompia a juventude. E essa ideia de alma e imortalidade foi passada adiante pelo seu discípulo Platão, que por sua vez influenciou os filósofos medievais, e logo o cristianismo atualmente como é. Para Sócrates a morte não é ruim, é algo bom, que deve ser encarada de forma esperançosa. Tanto para Sócrates, como para Platão, a morte é algo essencial, porque é ela que permite que a alma se dissocie da matéria e alcance o verdadeiro conhecimento, estando livre em sua forma mais pura.

Mas vocês também necessitam, ó homens, encarar a morte de forma esperançosa e guardar na mente esta verdade: para um homem bom, não há mal algum que realmente o afete, nem durante sua vida, nem depois de sua morte, já que os deuses não se descuidam de suas necessidades. E tudo o que está para me acontecer não foi resultado do acaso, pois me parece evidente que morrer agora e ficar livre de minhas preocupações é o melhor para mim. (PLATÃO, 2009, p. 57).

Já, Lucius Annaeus Sêneca que foi um importante escritor e filósofo da época do Império Romano. Foi um importante representante do estoicismo (doutrina universal que defende a ideia de que o universo é regido por uma lógica universal). Era um defensor da vida simples, da ética e do destino predestinado, para ele devemos ter uma atitude de desprezo diante da morte e não devemos temê-la.

O estóico Sêneca, em cartas dirigidas a seu discípulo e amigo Lucílio, propunha uma atitude de desprezo diante da morte e da ideia de morte. Desprezar a morte, ou seja, deixar de temê-la é condição para a felicidade. Não devemos, segundo o filósofo romano, nos atormentar com o futuro e a morte, mas nos preparar para partir com serenidade. Entende que aquele que não quer morrer recusou viver, uma vez que a vida nos foi tendo como condição a morte: é na direção da morte que andamos. Porque se queixar de uma condição da qual ninguém escapa? Os acontecimentos certos, como a morte, são esperados, não havendo necessidade de teme-los: só devemos temer aquilo que não temos certeza. (MOLLER, 2007, p. 30).

Segundo Moller, Sêneca enfatiza a importância da qualidade de vida, mais do que sua duração. Entende que não devemos querer conservar a vida a todo custo, pois o importante não é viver, mas viver bem. Morrer mais cedo ou mais tarde, isso não importa. Morrer bem é escapar do perigo de viver mal.

Segundo o filósofo Cícero, a alma tem imortalidade, ela permanece viva pela eternidade, a alma diferentemente do corpo tem origem divina, na morte só existem duas alternativas: pensar que ela é o fim de tudo ou que a mesma abre a porta da eternidade. Assim, a morte ou acena para o nada ou para a felicidade perene. A morte não pode ser considerada um mal da velhice, já que ela também ameaça os jovens, em todo caso, o sábio para ele não teme a morte.

Só há duas alternativas; ou desprezá-la, completamente, pensando que ela extingue, de vez, o sopro da vida também da alma; ou deseja-la, se ela conduz a algum lugar, onde seu futuro é a eternidade. Não há uma terceira alternativa. Com efeito, que há para temer, se depois da morte, sendo a alma mortal, livro-me da miséria deste mundo; se, ao invés, for imortal, vai ser feliz para sempre? (CÍCERO, 2006, p. 65).

Além dos filósofos que apresentamos, juntamente com a visão de cada um com relação à morte podemos destacar também: Nietzsche que era conhecido por ter uma visão niilista da morte, porém, ele defendia que era possível ter duas posturas perante a morte: covarde ou voluntária; Schopenhauer, que ressaltava que o medo da morte não era causado devido ao fim da vida, mas sim devido à destruição do nosso organismo, para ele, os seres davam mais atenção ao corpo do que à sua essência e, por isso, viviam angustiados perante a morte; e Montaigne que para ele a morte é algo inevitável, que não está relacionada a um determinado tempo ou lugar, assim, a função da morte seria nos ensinar a viver. Não importa se você viveu muitos ou poucos anos, o que importa é a forma e a maneira como você aproveitou esse tempo.

Diante de todas essas reflexões com relação à morte, na visão de diferentes filósofos e pensadores, convém neste momento apresentar a visão do filósofo Epicuro, o qual tem sido

elemento chave para a elaboração deste trabalho. Epicuro foi um dos primeiros filósofos a abordar e tentar entender a morte, sua visão estava atrelada ao hedonismo e à prática de buscarmos os prazeres e a felicidade. Para ele, a morte acontece quando há a desintegração completa dos átomos que passam a ficarem livres para compor outros corpos físicos.

[...] e um dos primeiros filósofos a tentar nos ensinar um verdadeiro método de como viver bem, a fim de atingir a felicidade, foi Epicuro. Filósofo que comparava seus pensamentos à medicina, ele dizia que o maior e principal objetivo da vida era a felicidade, e que toda a dificuldade que nós temos em alcançá-la, nada mais é, que o medo que sentimos da morte. (CUNHA, 2014, p.06).

Segundo Spinelli, o próprio nome grego *epicuro* (que designa o auxiliador, aquele que socorre e defende) veio a testemunhar em benefício do homem Epicuro e de seus ideais grandiloquentes: ajudar e defender (*epikourêô*) a mente humana contra os assaltos da ignorância, dos mitos e dos inevitáveis temores da vida, que é a morte.

A proposta de Epicuro está baseada em sua concepção de que, o que mais vale para a existência humana são os prazeres intelectuais e espirituais, os quais serão apresentados de forma mais detalhada no próximo capítulo que tratará da “*carta a Meneceu sobre a felicidade*”, pois os objetivos destes prazeres seriam nos levar a uma paz interior e completude da vida, nos preparando para entender que a morte virá para todos, que não precisa temê-la, que devemos fazer oposição aos prazeres do corpo, pois estes, segundo Epicuro, trazem aos humanos sofrimentos, ansiedade e perturbam a alma. Contudo a filosofia nos apresenta vários filósofos que contribuíram para o estudo de um tema tão amplo como a morte, dentre o qual, citamos apenas alguns, para este estudo.

6- CARTA A MENECEU SOBRE A FELICIDADE

A carta de Epicuro a Meneceu tem como tema a questão da felicidade, que logo no início se mostra interligada com o esclarecimento adquirido através da filosofia, pois ele é capaz de proporcionar a saúde do espírito e assegurar os elementos fundamentais para uma vida feliz. Logo no princípio Epicuro faz uma exortação, a respeito desse conhecimento, o qual será adquirido através do exercício da filosofia, considerada desde logo como uma disciplina cuja única meta é justamente tornar feliz o homem que a pratica de tal modo que este deve cultivá-la durante todo o transcurso de sua existência, desde a juventude até a velhice.

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. (EPICURO, 2002, p. 21).

Segundo Barbosa, Epicuro critica a crença nos deuses segundo o modo como ela comumente se apresenta em seu tempo, em nenhum momento Epicuro insinuou que os deuses não existem, pelo contrário, o filósofo assume a existência da Divindade, mas esta possui seu conceito geral modificado pelo homem, que se esquece de sua imortalidade para lhe atribuir características e virtudes humanas. Para Epicuro, devemos deixar de pensar em Deus como aquele que vai julgar atitudes boas ou más, e atribuir a ele somente questões que estão além da compreensão de seres limitados pela mortalidade como nós.

Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade. (EPICURO, 2002, p. 23).

Além disso,

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. (EPICURO, 2002, p. 25).

Segundo Barbosa, compreender os deuses ao modo epicurista livra o homem de dois males de uma só vez: o temor dos deuses e da ideia de fatalidade. Na medida em que se passa a crer que os deuses nada se preocupam com o agir humano, o temor de castigo se esvai e não se coloca mais em questão a vontade dos deuses.

Outro ponto muito importante, o qual é debatido na “*Carta sobre a felicidade*”, é a morte, pois, bem sabemos que a morte sempre foi apresentada como o mais aterrador dos males, e o que Epicuro faz é nos aconselhar a nos acostumarmos com a sua chegada, e nos mostra que é absolutamente necessário vencer o medo da morte, pois o que importa não é a duração, mas a qualidade da vida.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO, 2002, p. 27).

Em síntese o que Epicuro quer nos mostrar é que a única coisa que temos de concreto é só a vida. A morte nada mais é do que a sensação dos sentidos, ou seja, não temos contato com a morte, não sentimos a morte, nem damos “de cara” com ela. Portanto, seria tolice teme-la, já que a morte é o nada.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida. (EPICURO, 2002, p. 29).

Segundo Epicuro, quando morremos, já não estamos mais em posse dos nossos sentidos, o que nos torna incapazes de sentirmos dor ou qualquer outra emoção e, por isso, não existe o que temer com a morte. Entender a morte como algo desprovido de sentimentos, era uma tentativa de aplacar o sofrimento que pensar sobre a morte pode trazer. Assim, é possível levar a pessoa à felicidade, que era o ápice da sua filosofia e deveria ser o motivo de existência de cada ser humano.

Segundo Rocha, a certeza, no que concerne à morte, demonstra com clareza que os epicuristas não negavam o fim da vida, pelo contrário procuravam entender a diversidade dos processos da vida e conseqüentemente seu fim. O único caminho possível para o sábio é investigar a natureza da morte, a própria condição do organismo humano como um equilíbrio transitório aponta para o fim como inexorável, e acima de tudo a compreensão de sua naturalidade. Não há porque lutar contra algo que não se pode vencer, tal empreitada é completamente desnecessária. Tal vontade tende a se sustentar em um desejo vazio que claramente é antinatural e vão.

Depois de falar sobre a morte na “Carta sobre a felicidade”, Epicuro faz um alerta com relação aos desejos e o prazer, pois os devemos conhecer muito bem, para que não seja feita escolhas erradas. Para o filósofo, os desejos que são responsáveis pela nossa felicidade são os naturais, pois trazem bem-estar ao nosso corpo e bem-estar para a própria vida, os outros desejos são os inúteis, que só trazem angústia, dor e sofrimento. Portanto, a tão sonhada e almejada felicidade está nas escolhas do que nos dá prazer, porém com cuidado, pois nem todo prazer, é saudável para o nosso corpo, e posteriormente para nossa a felicidade. Saber escolher é determinar uma vida simples na busca de prazeres através da satisfação dos desejos necessários. Neste sentido, ser feliz é apenas satisfazer os desejos naturais, como

comer, dormir, ter amigos, uma casa para se abrigar, ser saudável de corpo e espírito, longe da dor e do medo.

[...] e o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (EPICURO, 2002, p. 35).

Segundo Bordin, o sábio para Epicuro é aquele que aprendeu a viver uma vida feliz e equilibrada e sabe optar sempre pela situação que trará mais prazer e menos sofrimento, sabe quando deve suportar a dor para ganhar prazeres maiores. Bordin ressalta que o sábio para Epicuro é aquele que realmente alcança a ataxia, vivendo uma vida feliz. Para Epicuro o sábio deve valer-se de quatro virtudes: a primeira, a razão e a prudência que é aquela busca do verdadeiro prazer; a segunda é o calculismo que consiste em ponderar o que realmente é vantajoso; a terceira é o autodomínio, já que esta evita o que é supérfluo e a última é a justiça que deve ser buscada por causa dos frutos que produz. Para Epicuro, o justo não teme nada, ele não tem o que temer: nas leis, nos homens, nos deuses, e na morte.

Ainda, segundo Bordin essas virtudes constituem a prática de um sábio epicureu, pois além de livrá-lo da dor e conduzi-lo ao verdadeiro prazer, o exercício dela revela a última virtude do sábio: a liberdade. Ao utilizar a liberdade interior e, por meio do artifício que essa liberdade, permanecer na tranquilidade do espírito, o epicurista torna-se um mestre, um sábio e, segundo o próprio Epicuro poderá até mesmo competir com os deuses em matéria de felicidade.

Portanto, os discursos em torno da morte constituíram um problema relevante para a filosofia grega antiga, o tema ocupou um lugar central dentro do pensamento de Epicuro. É fato que existe uma relação muito estreita entre a compreensão de nossa mortalidade e nosso entendimento sobre a natureza das coisas. Nas reflexões de Epicuro encontramos essa relação presente e desenvolvida dentro dos limites da experiência humana, como sabedoria prática. Isso significa pensar sua filosofia como um processo de conhecimento com efeitos terapêuticos, um remédio para almas doentes, afetadas por ideias e práticas bastante disseminadas por religiosos e políticos. Filosofar constantemente e cultivar a memória constituíram hábitos necessários para viver uma vida simples e natural segundo o epicurismo, que levará o homem a felicidade, e posteriormente no futuro a uma morte tranquila sem medos e com a certeza que viveu o suficiente para ser feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi apresentado o presente trabalho se propôs a fazer uma investigação filosófica, a partir de uma pesquisa bibliográfica, a qual expôs a vida de Epicuro, a conjuntura histórica em que o filósofo viveu, o surgimento do epicurismo, a morte na perspectiva mitologia e filosófica, além de uma análise a respeito da “*carta a Meneceu sobre a felicidade*”, o qual, foi feita uma trajetória histórica filosófica de Epicuro, para tentar responder os questionamentos levantados a cerca do tema que foi proposto neste trabalho, que teve como objetivo a compreensão da morte em busca da felicidade.

Diante de todo o percurso enfrentado para o desenvolvimento deste trabalho, ficou claro a relevância do tema, além da importância de Epicuro como o primeiro filósofo a enfrentar os temores da morte como um caminho para a felicidade, assim como a desmistificação dos deuses. A morte, como vimos, é repleta de significações para a vida dos homens comuns, todavia nada para o sábio, pois ele passou pelo processo de conhecimento da natureza do nascimento e da morte, processo esse difícil e que se ampara no desejo de realizar-se plena e naturalmente, e o caminho para chegar a esse estado de plenitude, é alcançando a felicidade através da filosofia.

Epicuro nos aconselha em sua carta a Meneceu, a não hesitar em se dedicar a filosofia, pois, não existe uma idade específica para se filosofar, pois a saúde da alma deve ser buscada ao longo de toda vida. Na juventude, época em que somos mais facilmente oprimidos por crenças vãs e atraídos por desejos naturais e não necessários e desejos não naturais e não necessários, a filosofia, é fundamental para dissipar nossos temores e direcionar nossa busca pelo prazer. Em contra partida, na velhice, filosofamos ao relembrar dos agradáveis momentos que vivenciamos na juventude, com o objetivo de suprimirmos as dores que nos afligem no presente. Em qualquer fase da vida, a filosofia liberta o homem.

É evidente a analogia que podemos fazer entre a medicina com a “*Carta sobre a felicidade*”, de Epicuro, pois nela fica claro o papel terapêutico da filosofia de Epicuro, enfatizando o bem-estar proporcionado pelo prazer e pela tranquilidade da alma, a realização plena da saúde do sábio, onde a vida é desfrutada com moderação e sabor, sem fantasmas de deuses, da dor ou da morte. Todavia reduzir seu pensamento a esses aspectos seria um erro grosseiro. O caminho proposto por Epicuro pode ser entendido como um voltar-se para natureza, sendo assim promoveu um choque violento com muitos discursos em uma sociedade, que estava acostumada com uma forma de vida totalmente diferente, onde havia

concepções religiosas e cosmológicas amplamente difundidas e aceitas, as quais, Epicuro teve que enfrentar.

Portanto, é notória que a proposta de Epicuro está baseada em uma concepção de que, o que mais vale para a existência humana são os prazeres intelectuais e espirituais, que os prazeres do corpo não tem valor nenhum, trazem apenas angústias, dor e sofrimento, que o caminho para se ter uma morte tranquila sem medo, sem temores e sem o sentimento de angústia por sua espera, é através da prática da filosofia e conseqüentemente a conquista da felicidade.

ABSTRACT

Death seems to have always preoccupied man, in all times and places, always tending to be seen as negative, historically, no one likes to talk about death, about the end. This subject is frightening, even though it is an unshakable truth. Even so, the demand to try to explain it, to understand it and to discuss it, since the ancients, there is precisely this need, which is felt by the man in conceiving a way to face death better and find acceptance in front to the inevitability of the end. In view of such statements, the present work has proposed to make a philosophical investigation, starting from a bibliographical research, to trace the historical and philosophical trajectory of Epiuro, an important philosopher who studied death and demystified the gods, something totally new until then for his time. However, Epicurus exhorts us in his celebrated "Letter on Happiness," where he warns us that we should not fear death, because it means nothing to us. One day we will all come to the end of our lives and, believing that our passage here is brief, we would need to take better advantage of what we are provided in life. We have no idea what death is, for those who have departed are not here to tell us what it is like to die. We let ourselves be led by illusions, expectations, anxieties and anguish in wondering what it is like to be dead, or if there is another life and how it is. Epicurus points out that death is a being unknown to us and therefore, how can we spend our existence worrying about it?

KEY WORDS: Gods. Fear. Death.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Renato dos Santos. **Religião Astral e crença vulgar: o que pensou Epicuro sobre os deuses?** Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/viewFile/8478/6311>> . Acesso em: 26 de maio 2018.
- BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **O ideal de sábio em Epicuro e Sêneca.** Disponível em: < https://updoc.site/download/o-ideal-de-sabio-em-epicuro-e-seneca_pdf >. Acesso em: 26 de maio de 2018.
- CÍCERO. **A velhice saudável: o sonho de Cipião.** Tradução Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.
- CUNHA, Thiago Barboza da. **A morte e a filosofia: a morte segundo os filósofos.** Disponível em: <http://www.academia.edu/9568752/A_Morte_e_a_Filosofia_-_em_Epicuro_S%C3%B3crates_Montaigne_e_Schopenhauer> . Acesso em: 24 de maio 2018.
- D' ASSUMPÇÃO, Evaldo. **Thanatos: a morte na mitologia grega.** Disponível em: < <http://domtotal.com/noticia/1204071/2017/11/thanatos-a-morte-na-mitologia-grega/> >. Acesso em: 24 de maio 2018.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu).** Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. **O epicurismo e da natureza: contendo uma antologia de textos de Epicuro.** Tradução Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.
- FALABRETTI, Ericson. **Filosofia: o livro das perguntas.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.
- FILHO, Juvenal Saviani. **O epicurismo e a ética: uma ética do prazer e da prudência.** Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10067505-O-epicurismo-e-a-etica-uma-etica-do-prazer-e-da-prudencia.html>>. Acesso em 25 de maio 2018.
- GALAHAD, L.C. **O Reino de Hades.** Disponível em: < <https://mitologiagrega.net.br/o-reino-de-hades/> >. Acesso em: 24 de maio 2018.
- JÚNIOR, José Sobreira Barros. **Mitologia e filosofia: um debate.** Disponível em: < <http://www.paradigmas.com.br/index.php/revista/edicoes-31-a-40/edicao-32/317-mitologia-e-filosofia-um-debate> >. Acesso em: 23 de maio 2018.
- MOLLER, Leticia Ludwig. **Direito à morte com dignidade e autonomia.** Curitiba: Juruá, 2007.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates.** Tradução: Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- RIBEIRO, Tatiane do Amaral. **10 origens da morte de acordo com o mundo da mitologia.** Disponível em: < <https://www.megacurioso.com.br/misterios/42516-10-origens-da-morte-de-acordo-com-o-mundo-da-mitologia.htm> >. Acesso em: 23 de maio 2018.

ROCHA, Everton dos Santos. **A morte não é nada para o sábio: a posição epicuréia segundo a perspectiva atomista.** Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/download/10211/7281>> . Acesso em: 26 de maio 2018.

SPINELLI, Miguel. **Questões fundamentais da filosofia grega.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Epicuro e as bases do epicurismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

OSHO. **O livro do viver e do morrer: celebre a vida e também a morte.** Tradução Denise de C. Rocha Delela. São Paulo: Cultrix, 2006.

ULLMAN, Reinhold Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria.** 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.